

PIEDADE E VIDA NO CORPO

SÉRIE: EM SUA PRESENÇA

PRELETOR: Jairo Moreira

DATA: 23/08/09

MENSAGEM 04 (Escola Bíblica)

Oremos: Pai celestial nós nos alegamos com a bondade e o cuidado que o Senhor tem dispensado a nós. Nós te louvamos pela oportunidade que temos de viver em comunhão contigo, desfrutando da tua presença e desfrutando de um tempo agradável de convívio e de dependência de Ti. Nós somos gratos pelos momentos especiais que o Senhor tem nos concedido, a vida especial que o Senhor nos tem dado. Agora nós oramos não só pelo Jairo, pela capacitação que vem do alto que o facilita e o abençoa a comunicar o que está no seu coração, mas também, Oh! Pai, que nós possamos receber o que ele vai nos comunicar, com o peso e autoridade que vem de Ti. Ainda que possamos apreciar e nos alegrar com algum conceito novo, mais do que isso, que nosso coração esteja atento e perceptivo para aquilo que tem a ver com nosso viver e conduta que ainda não estejam de acordo com a Tua vontade. Assim Oh! Pai, nós nos colocamos diante de Ti para receber o recado que o Senhor tem a dar neste momento. Fala-nos eu te peço, em nome de Jesus, amém.

Quero iniciar minha abordagem sobre a relação entre **piedade e vida comunitária**, mencionando um texto do apóstolo Pedro, em 2Pe 1. 1-8: *“Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo, aos que conosco alcançaram fé igualmente preciosa na justiça do nosso Deus e salvador Jesus Cristo, graça e paz vos sejam multiplicadas no pleno conhecimento de Deus e de Jesus, Nosso Senhor. Visto como seu divino poder, nos tem dado tudo o que diz respeito à vida e à piedade, pelo pleno conhecimento daquele que nos chamou por sua própria glória e virtude, pelas quais Ele nos tem dado as suas preciosas e grandíssimas promessas, para que por elas vos torneis participantes da natureza divina, havendo escapado da corrupção, que pela concupiscência há no mundo. Por isso mesmo vós, empregando toda a diligência, acrescentai à vossa fé a virtude; à virtude a ciência, e à ciência o domínio próprio; e ao domínio próprio, perseverança; e à perseverança a piedade; e à piedade a fraternidade; e à fraternidade, o amor. Porque se em vós houver e abundarem, estas coisas elas não vos deixarão ociosos nem infrutíferos no pleno conhecimento de Nosso Senhor Jesus Cristo.”* Já algumas décadas se passaram e Pedro agora comunica à igreja esta riqueza que temos na

experiência com Jesus, pois ele estava lá quando tudo começou, e ele viu, experimentou e participou. Uma vez que somos povo de Deus, comunidade dos salvos, nós também participamos desta atividade divina na história. Por vezes eu penso que um dos incômodos do coração que temos é a dificuldade de percebermos qual é o nosso papel na história. Eu me lembro de uma historinha de um menino que estava na praia e ele perguntou ao salva-vidas o que ele fazia ali o dia todo no sol. O salva-vidas parou um pouco e pensou numa forma bem direta e objetiva de fazer com que aquele menino entendesse qual era a função dele e disse: “o dia todo aqui eu faço basicamente duas coisas: eu tiro o homem da água e eu tiro a água do homem. Este é o meu trabalho.” Da mesma forma, se quisermos resumir o que a igreja faz ao longo da história, como instrumento de Deus é: nós tiramos o homem do pecado e, como instrumentos de Deus, trabalhamos para tirar o pecado da vida do homem. Oswald Smith dizia que há dois grandes imperativos no novo testamento: o primeiro é arrependei-vos. Esta é a nossa primeira e grande mensagem. O segundo grande imperativo é: santificai-vos, separai-vos. Na verdade enquanto somos chamados para o corpo de Cristo, somos chamados para lidar com essas duas grandes atividades na história, e continuar proclamando, entrando neste lodo de pecados, como salva-vidas preparados para resgatar pessoas. Entretanto, temos também, todo um processo nessas nossas relações de santificação, de amadurecimento cristão e de crescimento no Senhor.

Quero abordar agora sobre como usarmos os recursos e as oportunidades que Deus nos tem dado e como sermos este corpo fraterno e piedoso enquanto vivemos a nossa vida cristã. Existem cristãos que não têm a oportunidade como nós temos de nos aproximarmos uns dos outros com tanta frequência, como em tempos em que a igreja enfrenta perseguição, pressões e dificuldades. Até mesmo nós muitas vezes na correria, nas demandas das nossas atividades, temos impedimentos em nossas relações. Então, como superar todas essas coisas? Quando olhamos para o início da igreja, depois do evento do pentecostes, é fundamental lembrarmos que ela começou em certa medida muito numerosa. Então ser igreja

numerosamente grande não é uma novidade no evangelho e na história cristã. Em muitos momentos da história houve uma mobilização muito grande e houve expressão numérica em termos da experiência cristã e da experiência eclesial. Lembro-me que na década de sessenta, no Rio Grande do Sul, ainda na minha adolescência, com frequência íamos à igreja para orarmos e rogarmos ao Senhor para que acontecesse um despertamento espiritual, um interesse maior pelo evangelho em nosso país, e oportunidades melhores para a proclamação do evangelho. Creio que nós estamos vivendo este avivamento. Eu sei que temos problemas hoje, em relação à popularização e à própria popularidade do evangelho, mas isto também não é novidade na história. Mesmo com os problemas e as dificuldades que temos, mesmo com as distorções que temos, é fundamental aproveitarmos este tempo da nossa história, e essas experiências com o evangelho no Brasil, para sermos igrejas firmes e fortes. Inclusive ajudando a corrigir a rota daqueles que se têm desviado ou até mesmo se distraído dentro dessa experiência com Jesus. Já há quase dezesseis anos nesse ministério no Seminário Palavra da Vida, eu pude perceber um fenômeno interessante, porque em todo o trajeto que fazíamos, da rodovia Fernão Dias ou da D. Pedro I até lá dentro na estância, havia uma variedade de boates e botequins. Hoje esse mesmo trajeto está com o que nós mesmos chamamos até de forma pejorativa, minado de portinhas pregando o evangelho. Alguns me perguntam aonde isso vai dar, com tantas portinhas pregando e anunciando o evangelho. Em primeiro lugar eu prefiro estas portinhas ao invés dos botequins e boates, e as bocas de fumo que estavam por ali. Em segundo lugar, nós temos um grande desafio diante de nós. Nós que somos mais espirituais, mais maduros, mais bem treinados, temos uma responsabilidade com esta gente que está buscando o evangelho, que é a de ajudá-los, de discipulá-los. Nossos alunos sabem que frequentemente eu lanço um desafio para eles, que é: “desça do ônibus ou pare o seu carro uma vez por mês e doe um livro, daqueles que você nem lê mais na sua biblioteca à um desses obreiros. Vá fazendo uma biblioteca nessas portinhas, e ajude essa gente a descobrir um pouco mais do evangelho, a consolidar a sua experiência com Jesus.” Todos nós, membros de tantas igrejas, conhecemos alguém que está no mínimo interessado pelo evangelho. Temos às vezes muito perto de nós essa oportunidade de ministrar na vida dessas pessoas, de deixar um material, de orar por essas pessoas e de agradecer a Deus porque pelo menos se interessaram pela verdade. Então para nós é uma responsabilidade muito grande em termos do que é que nós, membros de igrejas mais estruturadas, crentes mais maduros, mais bem orientados, podemos fazer por aqueles que também são rebanho de Deus, e muitas vezes realmente salvos por Jesus Cristo e que precisam desta ajuda, compreensão e apoio nesta direção. Em 1Tm.4.8 o apóstolo Paulo diz: “...a piedade para tudo é proveitosa, visto que tem a promessa da vida presente e da que há de

vir.” Se a piedade para tudo é proveitosa como disse o apóstolo Paulo, qual é o proveito que podemos tirar da piedade de uma maneira fraterna? Como podemos tornar as nossas relações mais fraternas? Esse é um grande desafio, no sentido de sermos corpo de Cristo. **Piedade fraterna** é aceitação do outro em Cristo. Em 2Pe 1.1 é sintomática esta expressão de Pedro: “...àqueles que receberam conosco uma fé igualmente preciosa”. Imagine o fenômeno que ocorreu na mente de Pedro, para que ele pudesse fazer uma declaração destas, dirigir-se a pessoas que também creiam em Cristo, e reconhecer que estas pessoas receberam juntamente com ele, a mesma fé e com o mesmo valor. Que maravilha Jesus operou no coração de Pedro! Antes exclusivista, separatista, antes discriminando, mas agora ele pode escrever à igreja, aos irmãos crentes, reconhecendo que ele é um com eles. Dos grandes desafios, eu creio, sobretudo nos dias de hoje, é aceitar o outro em Cristo. Eu digo que aceitar a Cristo não é tão difícil, aceitar o outro em Cristo já é um desafio maior. Assim como precisamos de graça para aceitar a Cristo, precisamos também de graça para aceitar o outro em Cristo. No capítulo 2 de Atos, uma das ênfases naquele relato é o fator do poder de Deus para agregar pessoas. Em Rm 15.7 temos: “*aceitem uns aos outros da mesma forma que Cristo os aceitou...*” Ou seja: “Recebam uns aos outros da mesma forma como fomos recebidos em Cristo.” Paulo está nos convocando a fazermos sempre um trabalho de introdução espiritual. Gostamos de pensar que quando uma pessoa chega na igreja, para o convívio, para a experiência comunitária, mudanças precisam acontecer na vida dela. Isso é verdade, mas este é um lado da moeda. Nem sempre percebermos que ao Deus aproximar alguém da comunidade cristã, também este rebanho não é mais o mesmo depois que esta pessoa chega. Nós que cremos na providência divina e não no acaso, cremos que cada pessoa que chega para o corpo de Cristo, uma vez aceita e recebida adequadamente, ela também se torna uma riqueza dentro deste corpo. Muitas das necessidades e das perguntas que nós temos como corpo, têm como suprimento e como resposta, a vida das pessoas que muitas vezes estão tão próximas de nós. Essa nossa resistência ao outro na verdade tem herança antiga. Eu costumo dizer que o que houve na queda foi o estabelecimento de uma suspeita existencial. O que houve na queda foi uma suspeita na relação homem-Deus, Deus-homem, e também uma suspeita nas relações entre as pessoas. É por isso que o básico de todo o evangelho é amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo. Isso é o básico e é o fundamental. A igreja na verdade é a grande oportunidade para desfazermos essa suspeita na nossa relação com Deus, mas também para desfazermos esta suspeita nas nossas relações interpessoais. Como é que podemos no exercício desta piedade cristã, olhar para o outro, receber o outro, aceitar ao outro, na maneira como somos recebidos e aceitos para a glória de Deus em Jesus Cristo? Antes de termos a Jesus no coração, nenhum de

nós prestava. Alguém pode dizer: “mas antes de aceitar a Cristo eu já freqüentava a igreja desde pequenininho.” Mas sem aceitar a Cristo estava indo para o inferno. Alguém pode dizer ainda: “mas antes de aceitar a Jesus eu já andava penteado, bonitinho e perfumado.” Mas estava indo para o inferno. Quando fomos recebidos em Cristo, por Cristo, na verdade como diz em Rm 5.8: “*Ele provou o seu amor para conosco, no fato de morrer por nós, sendo nós ainda pecadores*”. Foi assim que Ele nos acolheu, quando dissemos: “Eu quero.” Mas não tínhamos mais nada para dizer e mais nada para fazer a não ser dizer “eu aceito”, e aí o processo de reforma continuou. E, quantas vezes, as nossas resistências e as nossas dificuldades se devem realmente às nossas expectativas e preferências em relação ao outro; o que precisamos efetivamente superar de uma maneira piedosa. O segundo desafio que quero afirmar aqui é esta piedade fraterna por meio do regozijo comunitário. Está faltando alegria nas nossas igrejas, talvez o nosso desejo sincero, honesto e legítimo de evitarmos um evangelho oba-oba, nos esteja colocando num outro extremo, que é o de não experimentarmos a alegria, a satisfação e o entusiasmo cristãos em termos comunitários. Em At 2.46 temos: “*...com alegria e simplicidade de coração*”. Será que temos repartido a verdadeira alegria? Será que perdemos o humor santo, saudável na nossa convivência? Será que estamos convencidos desta máxima: “Quem ri com os santos ri melhor!” Porque parece que nas nossas relações a vida cristã perdeu a graça. Preocupa-me porque daí, cristãos acham mais divertido, alegre e animado, o botequim, o ambiente de trabalho, a televisão, filmes e outras expressões culturais, e nos esquecemos de que a verdadeira alegria só pode ser experimentada nestas relações cristãs e santas. Num extremo nós vamos evitar o evangelho inconsistente, festivo e inconseqüente, mas por outro lado, nós vamos também evitar essa sisudez ou esta falta de liberdade nas nossas relações, esta falta de animação no nosso convívio. O texto de Atos 2 relata um momento da igreja que não era um momento fácil mas que apesar de todos os defeitos que aquela igreja tinha no início, havia justamente no ambiente das relações, a alegria, satisfação e contentamento. Precisamos disso para viver e devemos fazer isso de uma maneira piedosa. Jesus disse aos seus primeiros discípulos: “Vocês vão experimentar tristeza, e vai haver um contraste muito grande, porque às vezes quando vocês estiverem vivenciando a tristeza, irão olhar para fora e irão perceber os incrédulos e o mundo rindo à toa. Mas Jesus disse: “mas depois vocês serão plenos de alegria” e a afirmação que Ele fez foi: “*a vossa alegria não terá fim*”. Na verdade o cristão que curte a alegria cristã vai dar-se conta de que o incrédulo está rindo sem motivo. Na verdade nós deveríamos perguntar ao incrédulo: “Você está rindo de quê? Porque a verdadeira alegria está naquele que experimenta a salvação no Senhor. Como é que podemos adequar **piedade e regozijo cristão**? Alegando-nos,

satisfazendo-nos e nos contentando e vibrando com tudo aquilo que Deus tem para nós na sua verdade. É freqüente essa expressão: deleitar-se no Senhor, alegrar-se no Senhor. Será que tantas vezes nós estamos mudando o motivo, o foco da nossa alegria enquanto andamos até mesmo juntos no Senhor? Especialmente nas epístolas de Pedro há uma preocupação em preparar o povo de Deus para enfrentar dificuldades, sejam estas vindas de fora ou as dificuldades internas e as possibilidades de desvio e de desgaste, até mesmo relacional que podem ocorrer.

A ênfase que eu gostaria de dar agora é em relação a criarmos um ambiente piedoso para o conhecimento na igreja.

O próprio apóstolo Pedro neste primeiro capítulo menciona este alicerce que diz respeito ao nosso conhecimento da verdade, ao nosso conhecimento em Cristo. Então, a igreja é também esse espaço pedagógico, de construção do conhecimento e de aprofundamento na verdade. Como podemos articular isso de uma maneira piedosa? Eu gosto sempre de lembrar que quando pensamos em termos da história do cristianismo, o movimento que foi intitulado de movimento de piedade ou movimento piedoso ou pietismo, ele se estabelece como uma maneira de lidar com uma tensão, sobretudo no movimento luterano que estava acontecendo. A igreja buscando aprofundar o seu conhecimento e estabelecer dogmas e conceitos bem elaborados sobre a fé, começou a aproximar-se muito da ênfase simplesmente no cognitivo. As formulações bem construídas estavam em alguma medida ameaçando as relações e a qualidade das relações. O movimento pietista veio clamando por um pouco mais de fervor junto com o conhecimento. Quando me referia a esse fenômeno que estamos experimentando no meio evangélico no país, eu creio que novamente a igreja está diante desse desafio de equilibrar **piedade e conhecimento**, com uma vivência piedosa, fraterna, e um crescimento no conhecimento da verdade. Quando nos organizamos para conhecer e para ensinar, para estruturamos dinâmicas de ministração que efetivamente dêem aos cristãos um domínio adequado da palavra e dos conceitos, precisamos misturar fervor, piedade e amor com o próprio conhecimento. Para que essa verdade possa ser aplicada e articulada, eu sei que existem classes de estudo e dinâmicas de grupo. A minha palavra de encorajamento é no sentido de fazerem destes núcleos e destes recursos, uma oportunidade para uma busca de conhecimento regado por amor, piedade, fraternidade e qualidade relacional. Nestas últimas décadas, no Brasil especialmente, nós temos multiplicado o número de publicações, de escritos de estudos e de livros a respeito da bíblia. Isso é muito bom, demonstra uma busca de um aprofundamento, de uma consistência em relação à bíblia e à verdade. Nessas últimas décadas também nós multiplicamos a variedade de versões da bíblia. Hoje nossas igrejas cada vez mais têm uma variedade dessas versões, muitas delas muito boas. Hoje nos lares cristãos

nós temos uma quantidade maior de exemplares da bíblia. Temos uma variedade de modelos, de cores, de desenhos e uma variedade de bíblias chamadas de estudo. Entretanto, eu tenho feito uma pesquisa, um tanto sorradeira, há alguns anos, e estou assustado porque não obstante esta variedade e abundância, o povo de Deus está lendo menos a bíblia. Isso é assustador! Então será que à medida que temos oportunidade para conhecer mais, também podemos estar tentados a sermos menos piedosos? Em alguns contextos quase que um simples texto bíblico não basta e as escrituras já não são mais suficientes por si só. Será que vamos precisar sofrer algumas pressões externas para conciliarmos piedade, fraternidade, ajuda mútua e conhecimento? Estas coisas precisam estar conciliadas.

Nós sabemos de histórias recentes de países, sobretudo no leste europeu e em outras regiões do mundo, onde ficou escasso ter o texto bíblico. Cristãos e igrejas sobreviveram anos com poucos textos, mas por causa da piedade, do amor à palavra, do interesse genuíno por um conhecimento efetivo do Senhor, conseguiram sobreviver com esses textos. Na medida em que relembavam esses textos, repartiam, reagiam esses mesmos textos, semanas após semanas, meses após meses, anos após anos. A vitalidade da escritura e o aprofundamento desse tesouro inesgotável sustentaram aquelas igrejas, aquele cristianismo. Buscar conhecimento é fundamental, mas buscar conhecimento com piedade, num ambiente fraterno, é essencial. Já viram como muitos de nós somos impiedosos com quem consulta o índice na bíblia? Ele existe para ser usado, isso não deveria representar constrangimento para nenhum cristão, pois muitos cristãos novos vão precisar usar o índice, isso é elementar. Mas quantas vezes nós somos impiedosos para com eles. Como é que estamos buscando conhecimento e exercitando piedade enquanto descobrimos estas santas e benditas verdades? Como diz Pedro, é para dar consistência à uma vida piedosa, quanto mais conhecimento, mais piedade, quanto mais piedade, mais conhecimento. Agora quero fazer uma chamada para **piedade fraterna e encorajamento** mútuo. A nossa piedade precisa derramar-se a ponto de estimular aqueles que vivem conosco no corpo de Cristo. Vamos pensar como o apóstolo Paulo, sobre a responsabilidade comunitária que temos de prover consolo e encorajamento nesta vida fraterna, olhando para 2Co 1. 3-4: *“Bendito o Deus e pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, o pai das misericórdias, Deus de toda consolação, que nos consola na nossa tribulação para que também possamos consolar os que estiverem em alguma tribulação pela consolação com que nós mesmos somos consolados.”* Em primeiro lugar Paulo diz: “o nosso Deus é o Deus de toda a consolação”. Então em primeiro lugar há uma provisão divina de consolo e de encorajamento, cuja fonte é Deus. Em segundo lugar o apóstolo Paulo diz: “esta consolação é suficiente para toda e qualquer tribulação.” Então não há dilema ou dificuldade que as pessoas possam enfrentar que não possa ter no consolo de Deus o

suprimento para isso. Em terceiro lugar Paulo diz que há uma dinâmica na ministração desse consolo e desse encorajamento. Ele diz: “você precisam exercitar esta consolação”. E também: “esta consolação com que nós somos consolados, para que ela possa consolar os outros.” Cremos num Deus consolador, cremos na suficiência deste consolo para as nossas necessidades, mas aqui somos desafiados a articular este consolo, este encorajamento, este estímulo de Deus, nas nossas convivências. Eu posso desenvolver um cristianismo que crê no consolo de Deus e busca o consolo de Deus, mas com frequência Deus vai dizer: “Jairo, busca o meu consolo, suficiente para toda e qualquer dificuldade, entre os teus irmãos.” Nós precisamos contar mais as nossas histórias uns para os outros, e a igreja às vezes vai perdendo este ambiente de estar à vontade para clamar por consolo. Todos nós sempre precisamos de consolo e encorajamento. Quantos de nós falamos dessa nossa necessidade uns para os outros? Como é que podemos viver esta piedade neste ambiente fraterno e fazer destas relações uma realidade rica do consolo de Deus? Às vezes eu digo à minha igreja: “Se eu disser: “orem por mim porque eu estou com um problema muito sério, o que vai acontecer?” Não sei se estou à vontade para dizer: “Eu estou precisando de consolo, de encorajamento, e eu sei que o Deus de toda a consolação, tem colocado na vida de vocês todo o suprimento para as necessidades que eu tenho.” Vida piedosa então, é mais do que simplesmente esta vida que parece tudo certinho, mas é a oportunidade de desenvolvermos este encorajamento. Às vezes algum membro da igreja vem me dizer: “pastor, esta semana vou precisar fazer uma viagem e eu vou representar a minha empresa numa reunião muito importante e eu tenho alguns receios, algumas dúvidas, na verdade eu estou *tremendo nas bases*, por favor, peça orações por mim.” Ele diz: “Porque eu sei que Deus entende desse negócio também, Deus não está metido só com questões religiosas, eu preciso de encorajamento.” Deus tem esse consolo suficiente para a diversidade dos nossos dilemas, e ele está nessa convivência e relação que nós temos. A igreja é a fraternidade do encorajamento no mundo. Tantas coisas que ouvimos, que vemos, tantas coisas com as quais lidamos que são desencorajadoras, mas a igreja é a fraternidade de encorajamento no mundo. Os próprios incrédulos não têm noção da diferença que a igreja faz na história. Se o mundo está como está, com a presença da igreja, imaginem se a igreja não estivesse na história. Os próprios não crentes não têm noção disso. Nós precisamos manifestar esta diferença.

Mais um aspecto que quero apontar aqui diz respeito à **piedade fraterna e à santificação comunitária**. Também aqui com frequência nós pensamos em termos da santificação pessoal, o que é importante, mas precisamos também pensar na dimensão comunitária da santificação. Aqui nós temos também um grande desafio, porque podemos viver uma vida cristã piedosa pessoal, individualmente, com esta consciência de eu cuido da

minha vida e você cuida da sua. Às vezes isso entra dentro da igreja, mas impressiona-nos a quantidade de vezes às quais a bíblia fala no plural, e eu quero dar um exemplo disso muito típico, até sintomático. Se eu fosse escolher uma igreja para frequentar no novo testamento, seria a de Corinto. Eu não sei se muitos escolheriam essa igreja. É especialmente interessante a primeira carta do apóstolo Paulo escrevendo aos cristãos de Corinto. É uma carta pesada, difícil, porque ela é uma correspondência que aponta pecados, que repreende de uma forma muito incisiva, mas é fundamental a abertura desta correspondência. Assim, em 1Co 1.2, o apóstolo Paulo chama aqueles irmãos, em primeiro lugar de *“a igreja de Deus que está em Corinto”*, e ainda no versículo 2 ele diz: *“aos santificados em Cristo Jesus, chamados para serem santos”*, e agora ele os inclui como todos os que em todo lugar invocam o nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso. Eu fico imaginando que aqueles cristãos que estavam passando por problemas sérios, e até mesmo enfrentando na igreja pecados muitos sérios, são agora lembrados de que não obstante esta caminhada difícil, estas pressões e tentações, eles estão sendo santificados e estão incluídos entre todos os santos, de todos os tempos, em todos os lugares. Como é que nós ajudamos de uma forma comunitária, fraterna e piedosa, no processo da santificação? A igreja precisa exercer a disciplina bíblica, que é muito mais que mera fiscalização religiosa ou espiritual, mas nós precisamos nos ajudar no processo de santificação. Precisamos olhar para os desafios da vida cristã como desafios também comunitários. Assim, ao contarmos nossas histórias uns para os outros, que possamos interferir santamente na vida uns dos outros, e com esta interferência, levarmos o padrão que é Jesus. Qual é o seu conceito a respeito de santidade e santificação? Percebo que alguns cristãos têm uma falsa idéia de que nos tornarmos mais santos é termos um pouquinho mais de Deus em nós. Na verdade não é exatamente isso. O que devemos imitar em Deus é aquilo que objetivamente Deus nos apontou para ser imitado. E a demonstração objetiva da santidade de Deus que eu preciso imitar é a pessoa do seu filho Jesus Cristo. Ele se fez homem, gente como a gente, para que tivéssemos nele a referência absoluta para o nosso processo de santificação. Neste processo de santificação eu não nego a minha humanidade, pelo contrário, eu busco a plenitude da minha humanidade, enquanto santificado. Deus não quer que eu negue, não quer que eu sublimo a minha humanidade, porque ele deu a nós características que interessam a Ele. Mas Ele quer que eu aperfeiçoe esta humanidade imitando à Deus em Cristo, e me tornando santo, enquanto me torno o varão, a pessoa perfeita em Jesus. Por exemplo, o pecado da glotonaria: ele não é resolvido com abstinência de comida, ele é resolvido com alimentação adequada e equilibrada. Assim, como tantos outros pecados, vamos descobrir enquanto vivemos e conversamos, qual é a maneira de cada um de nós entrar

nessa empreitada de santificação, nos ajudando a descobrir esta referência que é Cristo na história de cada um de nós. Com isso, de maneira piedosa e fraterna, crescermos como comunidade dos santificados. Como igreja nós lembramos que estamos nos tornando aquilo que em Cristo nós já somos. Nesse primeiro capítulo na primeira carta aos Coríntios, o apóstolo Paulo ousa de maneira inspirada afirmar que aqueles cristãos, daquela igreja aparentemente tão difícil, que estavam lidando com pecados tão sérios, seriam em Cristo feitos irrepreensíveis, porque como diz o apóstolo Paulo neste capítulo: *“porque fiel é Deus”*. Por causa da fidelidade de Deus ele vai continuar insistindo conosco como família de Deus, como comunidade do Senhor, para que busquemos a santificação e possamos contribuir uns com os outros neste processo de aperfeiçoamento. Quando você for tentado, reparta isso com irmãos, o seu dilema e a sua luta, porque muitas vezes agrada a satanás que escondamos as nossas lutas, e que não tenhamos ajuda à tempo. Mas não só quando você for tentado, quando você cair, reparta isso com os irmãos, converse sobre isso, peça humildemente oração, peça instrução e ajuda. Eu digo que o salvo, até quando tropeça, tropeça para frente, porque quando confessamos o nosso pecado, mesmo o tropeço, há de se converter em crescimento e fortalecimento; nós cremos nisso. Esse andar piedoso, então, mais do que mera quietude, é uma ação incisiva e uma santa e bendita intervenção na vida uns dos outros, nesse processo de santificação.

A última afirmação que quero fazer diz respeito à **piedade fraterna e à cooperação**, ou serviço mais efetivo do corpo de Cristo. Como eu disse no início, através da ilustração do salva-vidas, a igreja está andando na história com um desejo fundamental de anunciar este evangelho, mas ao mesmo tempo está preocupada em ajudar aqueles que já chegaram. Aqui entra o nosso trabalho cristão, e quando eu penso em termos de cooperação e trabalho cristão eu estou pensando em todas as dimensões dessas oportunidades que Deus dá a cada um de nós. Quando a igreja sai no domingo à noite, na verdade a igreja está sendo espalhada para o campo missionário. Então como é que podemos piedosamente e de maneira fraterna consolidar mais este serviço? Precisamos de uma motivação piedosa para trabalhar para Jesus. Muito da nossa força, do nosso potencial como corpo de Cristo está quase que literalmente se esvaindo, porque às vezes falta piedade enquanto servimos. Na verdade é possível desenvolver até mesmo um trabalho religioso e fazer disso um campo de atividade impiedosa, e nós vemos muita gente envolvida e servindo na atividade religiosa, mas com o coração cheio de impiedade e gerando uma atividade e atitudes impiedosas. A primeira coisa que a piedade precisa trazer para o nosso trabalho, para a nossa cooperação, é a lembrança de que a cooperação é o avesso da competição. Quando abrimos as escrituras é fácil perceber que os servos do Senhor, o povo de Deus, sempre foi tentado pela competição. Eu gosto de uma ilustração do

Ruben Alves, que diz que a diferença fundamental entre o jogo de ping-pong e o jogo de frescobol é que embora ambos usem raquete e bolinha, no jogo de frescobol o outro é parceiro e no jogo de ping-pong o outro é adversário. Nós muitas vezes começamos a nos envolver no trabalho cristão com um espírito de parceria, mas quando o tempo passa e as demandas acontecem, nós somos muitas vezes tentados a olharmos para o outro como se fôssemos adversários e, às vezes, o corpo de Cristo perde do seu potencial de serviço por causa da competitividade interna. Aí o trabalho ao invés de se tornar piedoso, em lugar disso se torna impiedoso. Nós vivemos cada vez mais numa mentalidade mundana, impiedosa que estimula a competição. O cristianismo precisa ser um fator diferencial essencial, especialmente nesse tempo da nossa história. Nós precisamos mostrar diante de Deus o potencial que Ele nos deu e sermos bons mordomos disso. Mas, precisamos também mostrar para o mundo que é possível crescer, se fortalecer, fazer com zelo, com diligência, cuidado e competência, sem necessariamente competirmos uns com os outros. Como é que geramos na igreja um ambiente tão familiar, tão amigável onde o serviço e a cooperação se tornam uma consequência da vida piedosa de cada um de nós? Na verdade cada cristão deveria ser um facilitador no corpo de Cristo, e aqui, questões práticas e objetivas devem acontecer. Como eu posso ajudar? Isto é basicamente a motivação que vai criar mobilização entre nós e nós vamos fazer cada vez mais para o Senhor com uma motivação correta. Esse “como eu posso ajudar” é diferente daquele da recepcionista do banco: “posso ajudar em alguma coisa? Esse é como posso ajudar de coração, como posso facilitar, como eu posso articular maneiras onde o serviço cristão aconteça de forma melhor, mais bem aprimorada, com resultados melhores, para a glória do Senhor. O apóstolo Paulo escrevendo à Timóteo advertiu sobre pessoas no meio da igreja que aproveitavam as relações para em lugar da piedade, buscar lucro próprio. Ele por certo não está falando simplesmente de ganho financeiro, mas também destas articulações impiedosas, que geram oportunidade para um interesse egoísta, para uma busca meramente pessoal.

Quero encerrar dizendo que creio efetivamente que a igreja é o corpo piedoso de Cristo na face da Terra. É bíblico que fomos deixados aqui como esta demonstração clara de que Deus ainda está preocupado com a humanidade, e que ao nosso andar piedoso mostramos um laboratório da possibilidade da impiedade ser superada pela piedade. Só nós podemos fazer isso, porque foi a nós que o Senhor escolheu para demonstrar isso. Há um autor que diz que Deus sendo invisível, teve duas expressões visíveis, a primeira pelo seu filho e a segunda, por meio da

igreja. Enquanto andamos aqui, nós vamos mostrar ao mundo como a história pode ser diferente, se as pessoas prestarem atenção nos fenômenos que acontecem nos nossos relacionamentos. De todo coração, mais uma vez, que possamos conjugar piedade e fraternidade, em que todos esses bens, todas essas propriedades da nossa fé, nesta vivência piedosa, possam se expressar em termos do corpo de Cristo que somos todos nós.

Oremos: Senhor nós te agradecemos porque fomos lembrados lá atrás naquela oração intercessória de Jesus. Eu e os meus irmãos fomos mencionados lá, quando Jesus pediu não somente por aqueles primeiros, mas por todos quantos ao longo da história, criam e seriam a igreja do Senhor. Eu te agradeço por esta igreja, e te agradeço pela família que eles constituem, te agradeço porque elas são expressão do teu corpo, e rogo Senhor, que a piedade continue sendo uma marca nestas relações fraternas em Cristo. Peço que esta expressão do teu corpo continue crescendo, e que aqueles que são chamados, que aceitam o oferecimento da tua graça, sejam recebidos pelo teu corpo, como irmãos, como aqueles que juntamente alcançaram esta fé preciosa. Que todo potencial que o Senhor tem dado em Cristo para esta igreja, seja não só percebido, mas aproveitado para a glória do Teu nome. Oramos em nome de Jesus, amém.